

# O REFORMADOR

*REFORMADOR* -- *Orgão da Federação Espírita Brasileira* (Publicação Mensal). --- Fundado em Janeiro de 1883, o REFORMADOR já conta mais de meio século de existência, durante o qual ha tido sempre por escôpo erguer alto e bem alto conservar, para que todos a vejam e ela a todos alumie, a lampada que fôra posta debaixo do alqueire -- a da Verdade, personificada no Cristo de Deus.

Mantém uma secção -- "O Espiritismo pelo mundo" -- em que divulga tudo o que diz respeito á vida das Associações espíritas nacionais e lhes reflete as atividades, e em que também insere, collendo-as das mais importantes revistas espíritas e espiritualistas dos outros países, larga cópia de notícias que permitem fazer-se continuamente idéia do movimento espiritualista no mundo inteiro.

Noutra, intitulada -- "Organização Federativa" -- informa de quanto se refere a essa organização, de que a Federação é o centro, bem como de tudo o que interessa particularmente ás entidades federadas, ou adesas áquella instituição.

Aos que desejarem assiná-lo, pedimos se dirijam, para isso, pessoalmente ou por carta, ao seu Gerente, na sede da Federação, á Avenida Passos, 30 -- RIO DE JANEIRO.

Assinatura, com remessa pelo correio em porte simples -- 10\$000; com remessa sob registro postal -- 16\$000. Número avulso 1\$000. Atrasado 1\$500.

COLEÇÃO DO "REFORMADOR" -- De todos os anos. Encadernadas (edição de luxo). Encontram-se á venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira. Preço 20\$000. Para o interior, mais 1\$600 para o porte. -- Avenida Passos, 30 -- Capital Federal.

M. QUINTÃO

## ROMARIA DA GRANÇA

Impressões de viagem e apontamentos doutrinários colhidos entre e para confrades com olhos de ver, ouvidos de ouvir e coração de sentir e... perdoar.  
Porque aqui, mais que o cérebro, trabalha o coração.



1939

LIVRARIA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA  
28, Avenida Passos 30 -- Rio de Janeiro

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

\*\*\*\*\*  
AMALIA DOMINGO SOLER

# Memórias do Padre Germano

Um livro que, em nosso meio literário, já atingiu a 6.<sup>a</sup> edição, é o que se pôde chamar um sucesso de livraria.

Está neste caso esta obra. Trabalho mediúnico, recebido psicograficamente por Amalia Domingo Soler, representa verdadeira jóia no escriptorio da literatura doutrinária.

O leitor encontrará nas paginas deste livro as narrações levadas ao confessorio do Padre Germano; e, se os nomes dos confessandos são apócrifos, para que se não trôia o segredo da confissão, os episódios não deixam de ser verdadeiros, segundo afirma aquele sacerdote, que nos manda as suas memórias da outra margem da vida.

Aí se retrata a alma humana em toda sua pequenez, apesar de que os figurantes das cenas pertençam á mais alta jerarquia social. São pessoas da melhor estirpe da nobreza da época, e essa seleção é, sem dúvida, feita muito de proposito, para que melhor ressaltasse o contraste entre a grandeza dos individuos e a baixeza de seus atos.

Muita vivacidade na descripção dos fatos, muita verdade psicologica, uma sã filosofia coroando a obra no que ella tem de fundo doutrinário, é assim esse livro, que muito calorosamente recomendamos ao leitor.

Broch. 7\$000 Enc. 9\$000

\*\*\*\*\*

## Romaria da Graça

Inpressões de viagem e apontamentos doutrinarios colhidos entre e para confrades com olhos de ver, ouvidos de ouvir e coração de sentir e... perdoar.

Porque aqui, mais que o cérebro, trabalha o coração.

A CAMINHO

12 DE OUTUBRO.

Cinco e meia da manhã. Manhã de céu pardacento, chuvosa. No saguão de "Alfredo Maia" uma dezena de passageiros bocejam tédio e namoram aquele "guichet" misteriosamente fechado. Fechado por que? O comboio larga ás 6, e, concluimos: só pode ser o gosto administrativo pelo ritmo acelerado. A' yank, pois não? E quem foi que disse que no Brasil não ha pressa?

Somos, ao todo, cinco pacientes na *caravana da amizade*. O primeiro a chegar é o Manuel, com a sua "kodak" a tiracólo, como legítimo turista. Vem depois Giffoni, de óculos reluzentes. Pedro é o mais alegre e o mais novo. Um sorriso claro lhe noivado em férias. Tici! Lá se abriu, finalmente, o "cabuloso" guichet, através do qual mal se insinuam, somiticos, os dedos de um funcionario displicente e misterioso... também. 5 primeiras, da e volta para Belo Horizonte...

E o trôco? Ah! o trôco é ali um "caso serio". Mas, ha outro caso risonho, que é o das *poltronas numeradas*. Eu lhes digo: providencia destinada a assegurar o lugar do passageiro, por evitar-lhe assaltos e confusões, do modo como se ela executa só engendra balburdia e atropelos. E' o método confuso, paradoxal! A numeração não é seguida, ou antes, fornecida de conformidade com o dispositivo dos vagões, de sorte que, uma familia unida fica *atnveralmente* separada. Mas, ainda bem que o sentido de *brasilidade* é um fato. Todos riem, ninguém reclama, não ha taponas, ha acomodações. Malas a dentro, retine um timpão, um silvo agudo e um arranco brusco, com ringir de ferros, nós vai desdobrando a margém, através da vidraça o painel colorido e amplo de casas e morros esbatidos a luz da manhã nevoenta e brandamente fria...

## 15 HORAS A FIO

Do Rio a Belo Horizonte são 648 quilometros. Digam os entendidos se êles poderiam ser vencidos em 12 horas. Por nós, jámais os fizemos em menos de 15, quando Deus quer. Porque quando Deus não quer, é um mancal que se queima, é um cruzamento que se retarda, e a entrada de Belo Hori-

zonte — cidade-sorriso — transforma-se, não raro, em apoteóse da noite.

Na Barra do Pirai reforça-se de um membro a comitiva. E' o Gorgot, que nos surge remocado e mal dormido, a fressuar café e algodão. O café, na trepidação torrencial da frase amistosa; o algodão na macieza da voz cantante. Pudera não! — se êle nos vem de S. Paulo por completar a turma...

Dê Barra a Entre-Rios, margeando e transpondo o "Paraíba" de águas barrentas e coleantes, qual enorme serpente com o dorso salpicado de manchas negro-verdes, que são ilhotas, a marcha nos vai quasi despercebida, em permuta de emoções e novidades. Nem vimos a lendária Paraíba do Sul no seu bucolismo pacifico, recortada entre colinas. A "gare" da velha e encanvonda Entre-Rios logo adiante, regorgita de forasteiros. Massa curiosa e confusa, dá-nos impressão de feira-livre, onde todos gritam e ninguém se entende.

Mas, eis que do baratro chinês nos surge o Ramiro, como Zaqueu. No tamanho só? Não; na fé. E com êle, o Moacir. O primeiro é o redator de *Nosso Gula*, o poeta de *Sol da Caridade* e presidente do Centro *Fé e Esperança*; o segundo, secretario do mesmo Centro e, sem embargo de juvenildade, o braço direito do Ramiro. Abraços. Não ha tempo para "tererés" que não resolvem, e já conosco levamos um capulho de votos auspiciosos. "Saudades, lembranças ao Chico..."

Enquanto o comboio insinua-se resfolgante pelo vale do estrangulado Paraíba em demanda aos contrafortes da Mantiqueira, misturavamos nós o olhar na paisagem sempre nova, com as reminiscencias de um passado sempre mais velho e... por isso mesmo, mais saudoso e mais incompreensivel, para os... outros. Serraria, a Pedra do Paraíba,

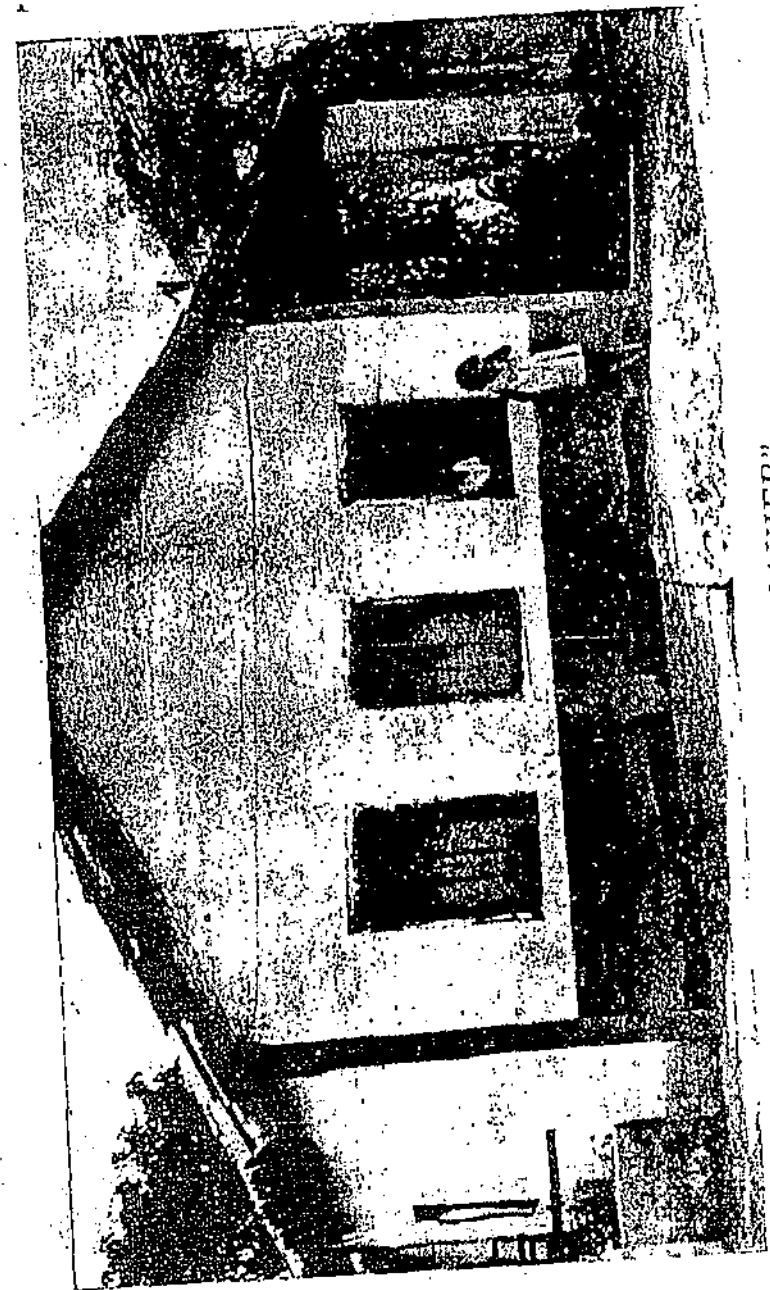
quantas recordações! *Juiz de Fora* com os seus pruridos de Manchester mineira, *Palmira* e *Barbacena* donairosas, colgadas a cordilheira e por fim *Lafayette* rupestre, vão-nos aproximando do termo e do sono.

E quando, badalando estentóricas, a locomotiva entrava a "gare" de Belo Horizonte, a retina já saturada de panoramas escampos, mal podia fixar a tela mirífica da *urbs* iluminada...

13 DE OUTUBRO.

Despertamos cedo. Belo Horizonte dorme ainda, envolta em farapos de gase. O ar frio põe-nos na epiderme carícias arripiantes. O jardim frondeiro ao hotel é todo um taboleiro de matrizes variegadas a trescalar perfumes suavíssimos. Nas frondes alinhadas ao longo das avenidas largas, ha trinos de passaros. Domina o ambiente uma vaga expressão de confortante pacifismo. Belo Horizonte progride, constrói arranha-céus, improvisa pavilhões, fonfona o modernismo, esboça o ritmo das grandes metrópoles, mas, sabe também guardar, ciosamente, o seu feitio bem mineiro. O tónus cosmopolita ainda se não faz aí sentir como em S. Paulo. Não é a confusão babélica das linguas, os tímbrs ásperos, guturais e agressivos do nosso ouvido; antes é o nosso módulo luso-brasilico, ainda mais acentuadamente cantante e arrastado.

Não é, tão pouco, o gesto impetuoso, vezes brutal, do *struggle for life* característico dos grandes centros hodiernos. O cidadão aqui, em mangas de camisa ou de casaca, no tomar um bonde ou um café, não quebra a linha típica da serenidade e eu sinto que estou respirando o Brasil da minha



O solar "XAVIER"

infância, o meu Brasil grande de esperanças e sem maiores complicações, nem ideologias exóticas.

Uma corrida de auto, rápida, ao alto de "Congonhas"; dá-nos, com a sensação da franca hospitalidade mineira, a visão do serviço da água potável, magnificamente instalado.

Entretanto, é preciso ver Cicero — o manso, o suavíssimo Cicero, não em majestade de toga romana, mas, simplesmente através dos seus olhos magnéticos. — Bonfim, 360, roda... não ha tempo a perder. Entrámos. Desta feita o querido e velho companheiro não está em Grão-Mogól, nem está *horizontalmente* acamado e brigado com o seu teimoso figado. Por isso, surge-nos em sentido vertical e o abraço fraterno e vigoroso é toda uma vibração de alegria saudável. *Mens sana...* e as frases e comentários, conceitos e perguntas, esfusiam de tropel. Se ficamos, se demoramos, se vamos à "União"; que os confrades estão ansiosos por conhecer-nos, por ouvir-nos. — Sim, ficaremos, somos "unionista" do peito, lá iremos, mas... na volta.

Por agora, urge partir e já que o Bino nos espera.

Este Bino, vale um trino e bem mereceria referencia especial. É um filósofo do volante, capaz de fazer de um réles fordeco, um possante Packard... 12 horas, já, e às 14 partiremos. No hotel (?) deram-nos um almoço sofrivelmente infame. O Giffone, marinheiro de primeira viagem, fez caretas a "gato-felix"; o Manuel, marinheiro de longo curso, enjoou e o Gorgot, vegetariano ortodoxo, tornou-se sério. Quanto a mim, já dando arras a uma bela manifestação hepática, mastiguei o meu protesto e fiz de conta que o *menú brabo* era um tutu de

feijão com torresmos, ilustrado a lombo de porco, tudo a mineira. Pois, então, não estávamos no coração de Minas? E quem dísse que a sugestão não é um fato? De resto, não ha por aí tanta gente a comer sardinha arrotando pescada?

## PEDRO LEOPOLDO

A antiga "Cachoeira Grande", a 48 quilômetros da Capital, é uma cidadezinha pitoresca que progride a olhos vistos. Ligada a Belo Horizonte por via-férrea e rodovia, ela está em contacto diário e relativamente cômodo com a capital do Estado. Servida, ao presente, por quatro carreiras de ônibus, uma das quais atinge "Curvelo" passando por "Sete Lagoas", demandamo-la agora pela terceira vez, encontrando-a sempre mais alegre, mais louça e como empenhada em proscrever a fisionomia sertaneja. Disseram-nos haver quem a denomine o *Paris da zona*, certo por despeito ou ironia, mas não sem visos de procedencia legitima, de vez que tudo é relativo. Com boa luz elétrica, em parte exgotada, arborizada e calçada, a pequena cidade de "Pedro Leopoldo" com o seu ribeirão encachoeirado, a sua "Fabrica de Tecidos", a sua "Fazenda Modelo" e as suas indústrias de moagem, lacticínios e minereos calcareos, tem diante de si um futuro auspicioso. A velha construção de taipa, achamboada e primitiva, vai cedendo lugar aos tipos modernos, avarandados, floridos e confortaveis. A pristina igreja, quiçá contemporânea dos rebentos do Borba Gato, está em reconstrução e a silhueta da sua torre já põe uma linha

de harmonia e um ponto de referencia no conjunto do ambiente. Vimo-la assim, do alto da "Represa" e tivemos a impressão de uma iluminura de postal colorido.

Que o leitor nos perdôe a digressão. E' que, "Pedro Leopoldo" é o berço de "Chico Xavier", o médium de *Parnaso de Além-tumulo*, de *Emmanuel*, de *Patria do Evangelho*, enfim de toda uma floração doutrinária, maravilhosa de idéias e fecunda de graças, — e merece, portanto, esta apologia, enquanto o auto do Bino perito e sisudamente convencido, vai transpondo serras e vales ensolarados, cambiantes de perspectivas imprevistas e multifárias. Diante de tanta, magnificente grandeza, não ha como deixar de genufletir mentalmente e gritar para dentro de nós o *gloriae in excelsis Deo*!

Já passámos *Venda Nova*, aproximamo-nos de *Vera Cruz*, não tarda a surgir a *Fazenda Modelo* e após 2 quilômetros, transpondo a linha férrea, *Pedro Leopoldo*, a nossa *Mecca*.

Desafôgo, sorrisos de cristal, abraços, olhos húmidos também... Lindolfo, o mais amavel dos hospedeiros, abre-nos os braços e as portas do seu lar. Não é a primeira vez que experimentamos a emoção dessa acolhida. Sómente, agora, recolhemo-la mais forte. Lembramo-nos do *Padre Germano*: "o tempo é o único patrimonio do homem". E aditamos: cimento de amizade. Mas não contemos o tempo, escasso para vasar reprimidas saudades e carinhosas lembranças. Aqui não ha relógios a consultar, os minutos se contam por emoções novas. A' mesa, fumegante sôbre a toalha muito alva, espera-nos o jantar, este sim, mineirissimo. O outro repasto, o do espirito, que é sem-

pre o melhor, será mais logo, á noite que vem caindo...

### EM COMUNHÃO DE GRAÇAS

A's 20 horas, todos a postos, pressurosos, reunimo-nos em casa do José, ao lado da *cabana* do "Chico". É uma sessão íntima de graças a Deus pela viagem feliz e é também o nosso cartão de visita aos Profetores da outra *Cabana de luz*, onde tantas luzes temos já recolhido. Historienços agora mais estas:

Feita a prece inicial, Emmanuel toma o médium (1) e, em termos sóbrios nos dá as boas vindas, concitando-nos ao cultivo do Evangelho. A seguir, Maria da Gloria, (Lula) nossa filha, vem falar á minha mulher em linguagem familiar, típica e entremeadada de episódios domésticos, íntimos, só de nós conhecidos. Minha mulher se comove, chora... Aquela linguagem é um bálsamo para o coração materno. E quanta beleza, quanta misericórdia defluem desse intercâmbio de planos, que o mundo céptico repele na cegueira do seu fanatismo! — consideravamos nós...

Vem a seguir Elisabeth, espôsa carinhosa que foi do nosso companheiro Gorgot. Ele também chora em lhe ouvindo exortações, conselhos, desabafos íntimos, que só ele poderia autenticar. Mas nós que, por nossa vez, conhecêmo-la aqui na terra, também coligíamos pela estrutura da frase, ge-

(1) Ainda não ouvimos Francisco Xavier em transe sonambúlico e o que nos ocorre aqui consignar, a propósito, é que de quantas manifestações idênticas temos observado, esta é a que mais se aproxima das do médium Frederico Júnior, que transmitiu às célebres obras de Bittencourt Sampaio.

nuinamente lusa, a identidade da prova. Depois, já recobrado, empunhando o lápis, o médium que nunca foi poeta, dá-nos de improviso, *currente calamo*, sem uma vacilação, sem uma ratura, este lindo soneto de Bittencourt Sampaio, no qual se alumbra e fremente o estro do mago autor da *Divina Epopéia*:

### AVE MARIA

Sôbre as estradas miseradas das geenas  
Deste mundo de méritos escassos,  
Sôbre a incerteza dos humanos passos,  
Caem luzes radiosas e serenas!

Luzes que adoçam lágrimas e penas  
Filhas da fonte eterna dos Espaços,  
De onde a Mãe de Jesús nos abre os braços,  
Em seu trôno de rosas e açucenas.

Ave Maria! excelsa providência  
Que redime nas dôres da existência  
O coração mais triste e o mais perverso.

Ave Mãe! piadosa e soberana,  
Anjo Divino da miséria humana,  
Flôr de misericórdia do universo!

Encerrava-se, assim, o 1.º dia útil da *Caravana da amizade*: O sono e as fadigas da viagem reclamavam repouso!

14 DE OUTUBRO.

O firmamento nos aparece carrancudo, promissor de chuva. "Pedro Leopoldo" dorme. Nas ruas, de papo para o ar, uma chusma de sapos mortos. Explicaram-nos depois: grandes comedores de besouros, os sapos devoram quantos convergem aos focos elétricos e tombam exânicos, até que morrem de indigestão, vítimas da própria voracidade. Deixo ao leitor inteligente a moralidade do conto.

A comitiva fragmentara-se, os caravaneiros, exceto o Pedro, lá estavam repousando no *Hotel Diniz*, o único da cidade, diga-se. Despertá-los? Nunca. Que fazer, então? Saímos á rua e logo nos afagaram, aos saltos, três enormes cães notivagos. Nada menos de três! Em "Pedro Leopoldo" até os cães são amáveis... Rimo-nos, e enquanto filosofávamos acerca da familiaridade de cães e homens, fomos parar á porta da *cabana*. Através da parede, pressentimos movimentos. Evidente que estavam acordados. Varámos pela cozinha e o café-zinho de saco fumegava. Chico enfiava as chancas estradeiras para o treino diuturno: dois quilômetros e meio multiplicados por outros tantos de retorno e isso com sol, chuva, tijuco ou poeira. Pois vamos lá. Com o Chico pode-se ir até ao inferno, se é que o inferno existe fóra de nós. Aqui, porém, estamos no *paraíso* e a "Fazenda Modelo" até nos parece, dele, um pitoresco recanto. Em lá deixando o Chico, pois que, — empregado num estabelecimento dito *modelo* não pode êle, Chico, deixar de ser um funcionario pontualmente modelar — viemos ruminando a *réprise* de uma excursão á "Lagôa Santa" com escala pela "Lapinha".



O bloco em fôrma. A esquerda, a Tenda de Emmanuel e a "Cabana de Chico Xavier

rio, prospectos coloridos, epinícios e loas enfim, é cousa de filisteus a lembrar assim um como "enterro de mortos por mortos" e para mortos.

Nossa *bolga* é outra, vamos antes no espírito do Divino Mestre, com a simplicidade e modestia de seus exemplos.

E a quem nos diga que outros são os tempos, respondamos que a Lei divina é sempre uma e única para todos os tempos.]

### EM PLENARIO DE GRAÇAS

A's 19 horas lá estamos na salinha do José. Já se não vêem ali *solas e selas*, de que nos falara uma primitiva reportagem de *O Globo*. Sobre a mesa tosca a toalha alvíssima, alguns copos d'agua, livros poucos e nada mais.

Dois bancos rústicos ladeiam a mesa e neles nos assentamos, os poucos comensais dessa noite. A oficina do seletro Zé, transformada em Fonte de Graças era dali — consideravamos nós — daquele tugúrio humilde, encravado nos porticos do sertão brasileiro que haviam jorrado já, tantas luzes de sadia e renovada cristandade. Ali não ha símbolos nem fórmulas. A prece do José é simples, é transparente de sinceridade, da sinceridade de sua alma de sertanejo que nunca saiu da céspe de natal. Do maelstrom da vida moderna, com singultos de insanía e grunhidos de féra; êle só conhece de oitiva e pelo que lê, quando lê, nos jornais. A "cidade maravilhosa" com as seduções da "Guanabara" e o contraste das "Favelas", é para êle um mito diluído a distância, por isso que o só provinciano urbanismo de Belo Horizonte já lhe põe arripios na alma. A sua oficina, o seu lar, o seu *Rendê* e o panorama da sua *Pedro Leopoldo* são-lhe o



José Candido de Andrade, José Ferreira e os irmãos José e Francisco Xavier. Ao fundo a "Cabana".

único e melhor pábulo de vida. José, o seleiro boêmio, é bem o irmão germano e espiritual do Chico. Pode-se dizer que Deus os fez e Emmanuel os juntou. E ambos, na simplicidade de seus corações exaltam e lembram a tradição com Moisés e Samuel, que se contentavam em haver por templo material uma tenda de peles. Pois então? — seleiro de ofício, o homem de ofício se faz filho de Deus, oficia a Deus, e transforma a oficina do seleiro em celeiro de graças divinas. E aí temos nós um turbilhão de idéias a meditar, com a só permuta de uma letra do alfabeto! Justifiquemo-nos, porém:

A *Grande síntese*, trabalho mediúnico de Pietro Ubaldi, que o "Reformador" vem publicando, devidamente traduzido por nosso digno confrade Guillon Ribeiro, é uma obra de altíssimo — transcendental melhor diríamos — teor científico e filosófico, ferindo fundo todos os problemas da vida universal. A anagoria que dela se desprende é de tal porte que ultrapassa o raciocínio comum, e tanto que o maior pensador analítico e arguto dos nossos tempos, no que diz com estes problemas, não quis fazer-lhe o panegirico e a critica, antes de um segundo exame longo e maturado. (1) Por nós, confessamos que, acompanhando com empenho essa leitura, em muitos de seus lanços ficamos *in albis*, por inópia substancial e quiça, também, por indigencia de preparo científico.

Chico Xaxier não conhecera essa obra nem mais, nem menos que nós, através das páginas do

(1) Referimo-nos a Ernesto Bozzano.

"Reformador", em doses seriadas a espaços longos. O tradutor lembrou-se de pedir a Emmanuel um antelóquio para o portentoso livro prestes a editar-se em vernáculo e nós, propositadamente, só abordámos o médium de surpresa, á última hora.

Aqui tem o leitor o que escorreu do lápis maravilhoso, sem um hiato, sem uma contração, sem um minuto de vacilação:

"Meus amigos, Deus vos conceda muita paz.

Quando todos os valores da civilização do Ocidente desfalecem numa decadência dolorosa, é justo saudemos uma luz como esta que se desprende da grande voz silenciosa da "Grande Síntese".

É, vê-se, na mesma linha que vulgarizou o sacerdócio romano eliminando as mais belas florações de sentimento no mundo, em virtude do mecanismo convencional da igreja católica, que existem aparelhos da grande verdade, restaurando o messianismo no caminho sublime das revelações grandiosas da fé.

A palavra de Cristo projeta nesta hora as suas irradiações energicas e suaves, compélindo todo um exercito poderoso de mensageiros, dentro da oficina da transição universal. O momento é psicológico.

Nossas afirmativas abstracem do tempo e do espaço, em contraposição ás vossas inquietudes; mas, o século que passa deve assinalar renovações maravilhosas para a vida terrestre.

As contribuições exigidas, serão bem pesadas; todavia, radiosa alvorada deve suceder ás angústias deste crepusculo.

Aqui, fala "Sua Voz" divina e doce, austera e compassiva. No aparelhamento destas teses, que, muitas vezes transcendem o idealismo contemporaneo, existe o reflexo soberano da sua magnanimidade, da sua misericórdia e da sua sabedoria. Todos os departamentos da humana atividade são lembrados na sua exposição de maravilha inconcebível! É que, sendo de origem humana a razão, a intuição é de origem divina; a preludiar todas as realizações da humanidade.

A grande lição desta obra é a de que O Senhor não despreza o vosso racionalismo científico, não obstante a roupagem enganadora do seu negativismo transcendente. Na sua misericordiosa sabedoria, Ele aproveita todos os vossos esforços, ainda os mais inferiores e miserrimos. Toma-vos de encontro ao seu coração augusto e compassivo, unge-vos com o seu amor sem limites e renova os seus ensinamentos do cenaculo da Galiléia.

Vêde, pois, que todos os vossos progressos e surtos evolutivos estão previstos no Evangelho. Todas as vossas ciências e valores no quadro das civilizações passadas e no mecanismo das que hão de vir, estão consubstanciadas na sua palavra redentora e divina.

A "Grande Síntese" é o evangelho da ciência renovando todas as capacidades da religião e da filosofia; reunindo-as á

revelação espiritual e restaurando o messianismo do Cristo em todos os institutos da evolução terrestre.

Curvêmo-nos diante da misericórdia do Mestre e agradeçamos de coração genuflexo a sua bondade.

Penetremos neste altar de esperança e de sabedoria, onde a ciência e a fé se irmanam para Deus.

E, enquanto o mundo velho se prepara, em face das grandes provações coletivas, meditemos no campo infinito de revelações da Providência divina, colocando acima de todos os afazeres transitórios, as glórias sublimes e imperecíveis do Espírito imortal".

Mas, como se isto não bastara, o lápis mágico continua a deslizar e o poeta Inconfundível do "Eu", que é Augusto dos Anjos, assim glosou augusta e angelicamente o tema, com este soneto intitulado:

### SUA VOZ

Nesta síntese orgânica da ciência,  
Fala Jesús de toda a substância,  
Desde a mais abscondita reintrância  
Das leis maravilhosas da existência.

"Sua Voz" é a divina concordância  
Com o Evangelho, em luz, verdade e essência,  
Neste instante de amarga decadência  
Da civilização de angústia e de ansia !

Alma humana que dormes na albumina,  
Desperta às claridades da doutrina  
Destê Evangelho regenerador !...

Fala-te o Mestre do seu trôno de astros:  
Ouve-lhe a Voz ! caminha ! vêm de rastros  
E escuta a Grande Síntese do Amor !

Agora, diz o médium — aqui está um Espírito que se apresenta de uma forma singular... Como que está ferido, todo envolto em panos e eu sinto odores de desinfetantes... Contudo, ele não demonstra sofrimento e até sorri...

Agora, diz que tudo isso é apenas para que seja identificado. Chamá-se, chama-se... Americo. Lembramo-nos de Americo Melo, velho amigo de ha 40 anos, recentemente desencarnado em São José dos Campos. Mas, não, não era Melo... Quem, então? Foi o Giffoni a lembrar: — Almeida. Sim, Americo de Almeida, o velho companheiro de lides doutrinarias na Federação, que vinha trazer-nos o seu abraço. De fato, assim desencarnára ele, qual outro Job, coberto de chagas ou melhor — todo numa chaga e envolto, e enterrado em panos. O médium ignorava esse pormenor, que, por natural sentimento de piedade, ficara circunscrito aos círculos mais íntimos da família, enquanto que, por nós, podemos garanti-lo, nenhum dos presentes poderia presumir e provocar tal testemunho. Vinha ele, assim, com aquela espontaneidade que será sempre o melhor cunho de comprovação, além do outro, peculiar, inconfundível e consentâneo ao subjetivismo de cada um. Todos induzimos e con-

cluimos racionalmente, não apenas, e sim porque *todos sentimos*, que ali estava o saudoso companheiro, e com ele outro não menos querido e saudoso, que entre nós se chamou Ataliba de Lara e foi advogado de renome, ao seu tempo, nos auditórios do Rio de Janeiro.

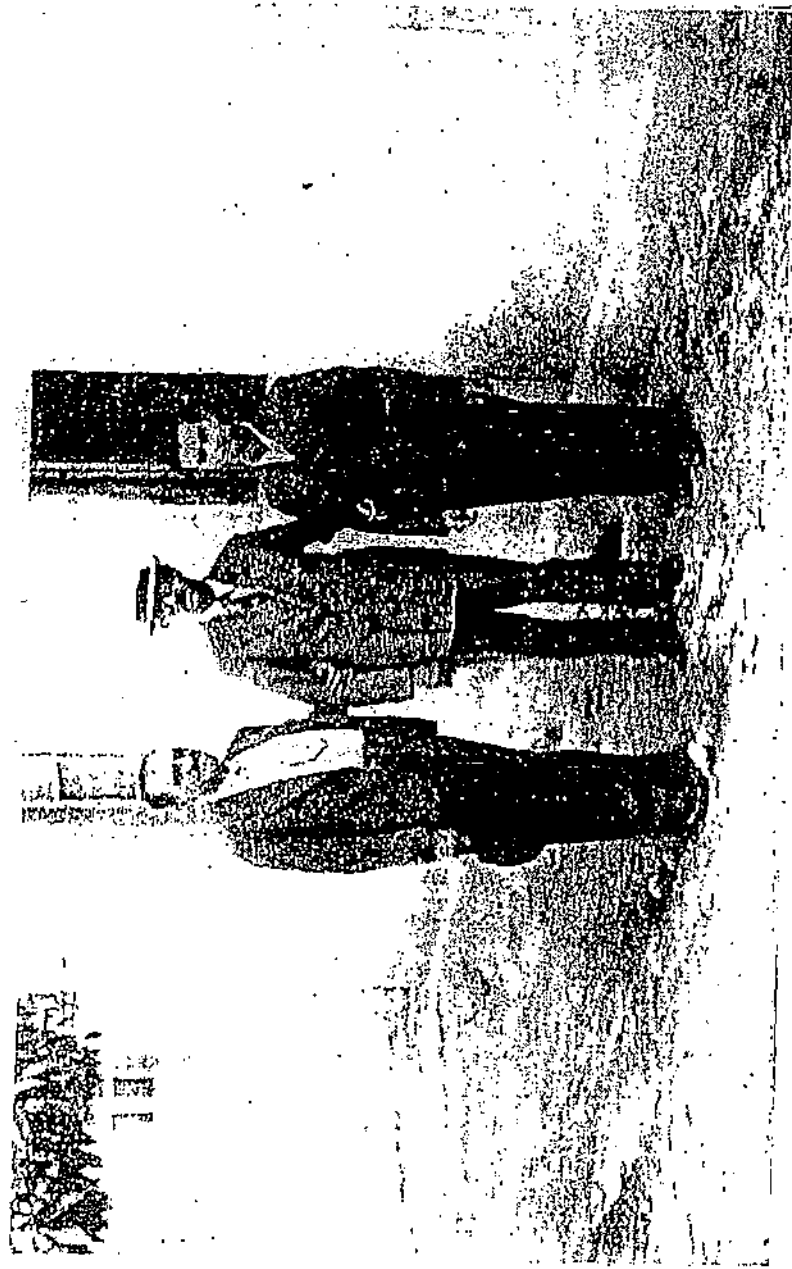
Assim terminava a tarefa daquele dia.

15 DE OUTUBRO.

Não ha programa delineado. O céu continúa fechado e o número *Lapa-Lagôa Santa* está fatalmente fora do cartaz.

É pena, porque amanhã, domingo, desfalece-se o efetivo da caravana. Giffone e Manuel já têm aliveladas as malas. Manhãzinha, Gorgot e eu escolhamos o Chico até o marco 2k.200. Namoramos, de longe, o modelar estabelecimento que a competência técnica, o zelo administrativo e o bom gosto do seu Diretor Dr. Rômulo Joviano, tem transformado num éden de atividades fecundas quão pacíficas. Porque ali se respira, de fato, uma aura de paz e trabalho. Logo mais, á tarde, voltaremos ao jantar que a grande bondade e requintada gentileza do casal Joviano nos reservára na mais honrosa intimidade.

Gorgot, sempre amigo da Natureza, atira-se aos moitais do caminho, á cata de uma flôr silvestre, ou faz apologia de um ninho alado a oscilar brandamente na ponta de um cipó... Lembrámo-nos: *as aves do céu têm seus ninhos, as fêras o seu covil, e o filho do homem não tem pedra em que repouse a cabeça...*



*Uma trindade pacífica, que passa e fica...*

Um momento de escuta e pela selva se empenha uma concertina de sons, hinário do céu ou poema de luz.

Eu, por mim, mais pessimista e mais prático, (ai de mim) vou nas asas do pensamento sobrançando cêrros, vales e cordilheiras, deplorar o formigueiro que se estorce e asfixia nas grande metrópoles, onde o homem comumente perde o senso divino da Natureza e degenera em besta de carga da sua filauciosa *civilização*. Ondê, sorriso e lagrima raro se forram ao estigma do artifício e do preconceito. E tenho, então, saudades do poeta de "Primaveras"; e canto também, para dentro de mim aqueles carmes:

*Ai que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida.*

A vida, — diz-me o companheiro — é "o minuto que passa"...

Registemos, então, a euforia deste minuto, que ficará, quem sabe, gravado no éter como um *cliché* de eternidade.

A vida é pensamento, porque deste e para este vive o Espírito imortal. Estes quadros, estas frondes, sêres e cousas que fixamos e nos parecem imóveis; céus e terras passarão: mas não passará a centelha divina que vive em nós. Permita Deus possamos reviver, Além, a euforia deste minuto que vai passando, que já passou...

Passando vão também os ônibus da carreira. O de "Curvelo", eutépico, mistura ao ruído dos pneus raspando o sólo, as notas álares de um samba carioca.

Música rodoviária, ambulante, de graça... E os bois pacíficos, do seu pascigo á margem da estrada, nem se espantam.

Ora graças ! Nosso almoço hoje é coletivo, em atenção aos dois transfugas de amanhã. Quer isso dizer que a salinha do Lindolfo tem proporções e majestades de cenáculo. E o que ali se vai representar sem ponto, nem marcação de contra-regras é a peça nunca assaz elogiada da velha, da bôa, da patriarcal hospitalidade mineira. Ou não fôsse Lindolfo um lidinho rebento do coração de Minas, dá muito alpestre e historica "Ouro Preto" com o Tiradentes, Claudio, Gonzaga, etc.

A "bôia" é mesmo da bôa e a bondosa D. Luiza vai aqui aclamada de *mão santa* no tempêro. Oh! manes de Vilello, Gargantua e insignes gastronomos de todos os tempos, como eu vos compreendo e vos desculpo nesta hora e neste ágape !

E o Chico, registre-se, é tão bom médium quanto excelente "garçon". Ora... o Chico.

Mas, estava escrito que esse dia era mesmo de graças culinarias. A' noite, o jantar na "Fazenda" foi todo um fino *menú*, que nos deixou com água na boca. Mas foi também uma hora de sadia vibração espiritual. A propósito e para que o dia não passasse aqui em branco, sem uma nota do Além, vamos transcrever a curiosa mensagem que o anfitrião recolhera num dos seus serões íntimos, quando lia e comentava *Herculanum*, o precioso romance mediúnico do Conde de Rochester, por nós traduzido.

Neste comunicado, ha dois pontos importantes a considerar: o primeiro, é que não se trata de uma obra de ficção, qual se poderia presumir e o segundo, é que Emmanuel, este luminar da Espiritualidade renovadora dos nossos tempos, promete-nos para breve o romance da sua própria vida na terra, ao tempo de Jesus, quando se chamou *Publius Lentulus*, altaneiro patricio romano.

Eis o que elle diz:

"Filhos, o romance doloroso de *Herculanum* e *Pompéia*, também fez que meus olhos vertessem muitas lágrimas, tangendo-me as fibras mais sensíveis do coração. Do proveitoso livro que lestes, conheço todos os personagens. Não se trata de uma ficção, mas de uma forte expressão de realidade. Alguns Espíritos como Fabia, Marcus e Cáius, já se elevaram a planos de grande evolução espiritual; Sempromius e Dafné ainda se conservam junto aos fluidos terrestres e alguns como Claudius e Nero, estão de novo reencarnados no mundo. Conheci mui de perto o infeliz espôso de Drusila, que, atualmente está ultimando as suas provas terrenas em uma tarefa meritória. Todavia, meus amigos, se fôsse continuar, muito teria a dizer autopsiando o passado remoto. Algum dia, se Deus me permitir, falar-vos-ei do orgulhoso patricio *Publius Lentulus*, afim de vos edificardes nas dolorosas experiências de uma alma indiferente e ingrata. Esperemos o tempo e a permissão de Jesus. Os meus amigos e companheiros daqueles tempos, em sua maioria, já ascenderam a mundos melhores, mas eu impus á minha consciência a tarefa de trabalhar, por muitos anos, entre as dores da Terra, ao serviço Daquelle que, um dia, salvou-me a vida de pai, na paisagem longinqua da Judéa. Mal sabia eu, na minha ignorancia e no meu orgulho, que fôra tocado da maior graça

que pode aspirar um Espírito da Terra.  
Deus vos abençoe e vos conceda muita paz”.

16 DE OUTUBRO.

Haverá quem diga que a vida não é cem por cento uma sugestão? Haverá... mas, pelo que nos toca, conhecemos muita gente que, sem trabalhar a semana, acorda no domingo com a convicção gozada de um merecido descanso...

A cidade cingulada de morros, acorda hoje mais tarde. O próprio ribeirão murmura mais preguiçoso e o sol domingueiro espia displicente, através do seu cortinado de nuvens.

Pela rua central, e principal, deserta ainda, chega-nos o ronco dos motores com o buzinar dos autos. Sinul de angustia e de alegria para quem vai, para quem fica, conforme o estado de alma de cada um. Oh! Calino! oh! senhor de La Palisse!

Precatemo-nos de filosofanças piégas — *in medio virtus* — e vamos levar nosso adeus aos companheiros que regressam. Mentiríamos se dissessemos que a nossa mágoa não andava, ali assim, atenuada com a vitória de quem ficava por marcar mais uns pontos na partida. Mas era uma compensação precária, a prazo curto. Matar o tempo, aqui, não é problema que nos preocupe, pois é o tempo que nos mata a nós. Nosso relógio parou para só consultarmos o tic-tac do coração. O “palácio” do Chico abre-nos a porta brasonada e pelo alpendre enramado de silvas, que é todo um ninho de frescura, lá nos vamos à cozinha. João Candido, o Patriarca da *tribu* abençoada e mansa, tem na frente a auréola dos lutadores de antanho, e nos



Rondando o Picolé, Francisco Xavier e irmãos)

ossos o reumatismo que lhe faz maldiçoar umas que tais injeções. Isso não o impede de nos estender os braços acolhedores e a mão tremula que ainda dedilha o violão choroso — mão dadivosa pela qual têm passado tantos bilhetes... brancos. Pilheria, leitor: João Candido já vendeu a sorte, mas, a *maior* ele reservou para si e ninguém lha desconhece, porque é a de ter a prole que o honra e felicita na sua velhice honrada e veneranda. Ainda temos nalma a humidade dos seus olhos e o dolente gemido de voz, naquele descante do seu quartinho, à luz da vela estearina. Outro clichê que guardamos para os arquivos da eternidade...

#### UM POR DOIS

De retôrno ao "salão nobre", onde o Chico palestrava com alguém, verificamos que esse alguém era o confrade Abílio de Lima, da Baía. Num encontro fortuito e rápido, à porta da Federação, em vésperas de nossa partida para "Pedro Leopoldo", mal nos lembravamos deste incidente.

Sociável, insinuante como baiano de fibra, e, ao demais, confrade sincero, entusiasta, foi ele quem se nos deu a conhecer e para logo ficou assentada a sua adesão à jornada de "Sete Lagóas".

Antes, porém, destituído o Manuel do *principal* *fotográfico*, urgia dar-lhe substituto e a Providencia ali estava na *kodak* do companheiro adventício. E de como ele desempenhou o mandato, aí tendes a prova nos clichês nos. . . deste opúsculo. Agora, uma dificuldade se apresenta: obter dois automoveis. Estranhámos a anomalia, explicámo-nos: é um *turismo* que se justifica e ninguém pudera imaginar há só dez anos. Muita gente excursiona pelas fazendas e pelas cidades circunvizinhas,

aproveitando a folga domingueira. Não haveria, pois, outro remédio e vamos assim, apenas cinco, razoavelmente comprimidos num automovel, mas... vamos.

## SETE LAGOAS

Chispamos ás 17 horas. 40 quilometros de marcha, dizem-nos. A estrada é boa, relativamente, e com a ligeira rega das chuvas de primavera, não levanta poeira. Os companheiros palreiam, enquanto calado namoramos a paisagem vespertina. A luz crepuscular oferece-nos perspectivas mirificas. Ao longe o recorte plumbeo das serras confunde-se com o rendilhado caprichoso das nuvens. Ha figuras ciclopicas de monstros, mandibulas de megaterios, tentaculos aduncos, castelos exóticos, almenaras gigantas e fauces escancaradas de carancas grotescas. Ladeando a linha férrea que se desdobra na fita cinzenta do seu talude empedrado, atingimos *Matozinhos* de fisionomia colonial, avistamos longe *Periperi*, adiante *Prudente de Moraes*, até que apareçam, piscantes na sombra que se adensa, as primeiras luzes de *Sete Lagoas*.

De lagoas, contudo, não vimos nem sete nem uma. O que vimos, ou melhor — imaginamos, foi a massa confusa de uma grande cidade sertaneja. Pois verdade é que, a angustia de tempo e a impropriedade da hora não nos permitia franquear-lhe o amago. Não tão de molde que a desestimássemos, ao contrário.

Ha um momento de indecisão. Onde fica o "Centro"? Alguem lembra que as casas aqui não são numeradas.

E' porque todos se conhecem. Rimo-nos. Adiante, um informante gracioso: *é ali mesmo...* O auto bufa, rodopia, emblica. Ha curiosidades janicleiras. Saltamos, enfim! A guarda está formada em continência e o Juca Andrade é o comandante. Tarimbeiro vellio, ele já havia providenciado o café e tudo o mais. Os confrades vão chegando; os abraços vão-se sucedendo, não ha protocolos; o que ha é simplicidade a preceito, cristã.

Ainda bem.

## COMUNGA-SE

Às 19 horas, mais ou menos, com a presença de uma centena de confrades, entre os quais muitas senhoras, num ambiente de grande serenidade e simpatia, o presidente do Centro, nosso irmão Antonio Gerken depois de referir-se á pessoa do visitante e, de um modo geral á significação da sua visita e do ato que ela ensejava, disse, comovido uma prece e declarou aberta a sessão em nome de Jesus.

Dando-nos a seguir a palavra, não é cabível e nem seria possível aqui transcrever o que de improviso e por misericórdia nos foi permitido aduzir em relação á nossa visita e á tarefa comum que, individual e coletivamente nos irmanava em conhecimentos e deveres evangelicos. Citando exemplos e atitudes do Patrono mesmo daquele nucleo de crentes, dele, que foi luminar dos maiores e da primeira hora, terminámos com um voto de graças para que a graça da nossa presença ali ficasse como testemunho de fraternidade e estímulo de realizações proficuas, quais ás objetivava, em seu programma regenerativo, cristão, á Federação Espírita Brasileira.

Juca Andrade fala-nos a seguir, com a voz do coração, lembra episódios que nos aproximaram há bons 20 anos. Hierático, solene, olhos húmidos, o timbre de sua voz comove-nos e, enquanto nos fala, uma visão subjetiva nos sorri no gesto de quem abençoa... E' Bezerra de Menezes! Prepara-se agora o médium para receber a comunicação final e aí temos

### A SORPRESA

Em perfeito recolhimento espiritual, mão á testa naquela atitude peculiar, Francisco Xavier deixa correr o lapis...

Passa-nos depois o escrito, assinado -- Aristóteles.

Aristóteles... Quem seria? O preceptor de Alexandre, o filósofo peripatético? Não, não podia ser... Mas, quem seria? Quem o sabia era o confrade Abilio Lima, cujos olhos se mareavam de lagrimas á proporção que em voz alta liamos a mensagem a seguir transcrita com sua graciosa autorização:

"Meu pai, sou um desconhecido nesta casa, mas a misericórdia de Jesus permite que exteriorize aqui as doces emoções de minha alma. Seu filho na terra, sou hoje o seu irmão, considerando que só ha um pai, que é Deus, misericórdia e justiça dos céus."

Permitiram os mentores desta reunião que lhe dirigisse minhas humildes lembranças nesta data.

Como vê, já lhe não falo com a dispênia dos derradeiros dias de minha existência na terra. Ao abatimento do corpo succedeu o rejuvenescimento da alma, com o auxilio das suas preces abençoadas. Aqui estou para provar aquella realidade do — *batei e se vos abrirá*, das lições divinas, de Jesus. Deus o abençoe e proteja. Muito me prejudicou a esterilidade da educação academica, eliminando as flôres do sentimento no íntimo de minha alma, mas, graças a misericórdia do Cristo estou salvo, lutando no bom combate, auxiliando-o em seus esforços e labores. E' em vista de minhas experiencias que lhe recomendo prosseguir no labôr educativo do coração dos filhinhos, dos que se apegarão ao seu espirito na nova familia que constituiu. O excessivo cuidado com o intellecto, ás vezes, compromete o aprimoramento do coração e é por isso que lhe peço continuar desassombradamente em sua faina no ambiente da familia. A Antonieta tem um grande coração e pouco lhe falta para integrar-se em perfeita comunhão com as suas idéias de discípulo do Evangelho. A's vezes, entristeço-me ao considerar que poderia ter vivido para realizar as suas esperanças de pai que tanto se sacrificou por mim, nesse mundo, mas deposito, por minha vez, confiança no Paulinho, no Luiz, como em todos os espiritos que se ligaram ao sagrado instituto de sua familia. Enviando lembranças aféttuosas á quantos moure-

jam, em nosso lar terreno, beija-lhe as mãos o seu — Aristóteles.

### O COMENTARIO

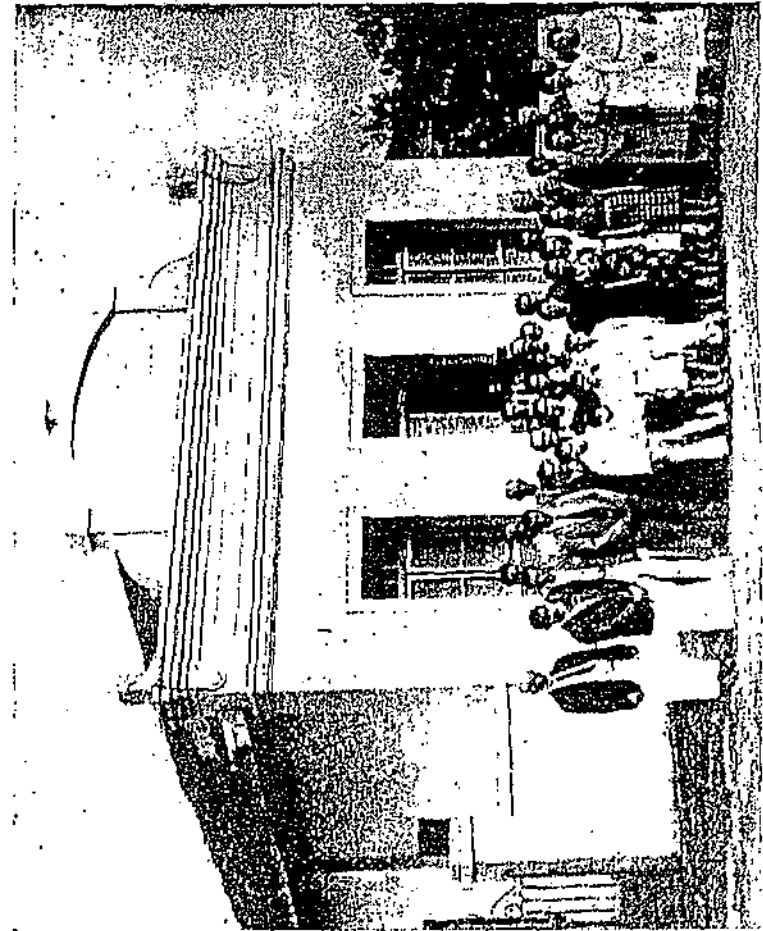
Abilio Lima levanta-se emocionado e explica: Aristóteles era bem aquele filho que ali falava e cuja linguagem lhe penetrava os aditos do coração, para lembrá-lo em plenitude de vida, florente de esperanças moças, cerce e impiedosamente cortadas por uma tuberculose pulmonar, lá na sua Baía distante. E vissem os confrades: aquela esmola ali lhe vertia, justo na data do lutuoso advento. A ninguém o dissera, ninguém ali o pudera saber. Os nomes citados eram os de sua segunda esposa e filhos das segundas núpcias. Fora a dor da perda desse filho estremecido que o guldara das geênas da dúvida, arpoado do desespero, para as claridades da Fé, que até ali o conduzira e timbrava em fazer o seu melhor galardão.

O companheiro falava visivelmente inspirado e nós que tantas provas temos recolhido em tirocinio longo de 40 anos, ruminavamos conosco:

“E digam lá que o Chico é um burlão! Ele, essa criatura simples, meiga, quasi ingênua, que ali está a sorrir-nos com lampejos de olhos miãosos...”

Ah! os sabichões das escrituras, escribas e fariseus de todos os tempos e matizes, até quando retardará vossa Epifania?

Mas agora, novamente corre o lápis e é o cantor da *Divina Epopeia* a encerrar a tertúlia com esta



O Centro Bittencourt Sampaio, de Sete Lagoas

## SUPPLICA

Do Evangelho, no amor e na humildade.  
Faze desta oficina a grande escola.  
Somos mendigos, dá-nos tua esmola,

Mas sei que és Infinito de Bondade:  
Humilde é o templo e misero o teu servo,  
Abençoa a esperança que eu conservo...

Da estrada mais penosa e mais sombria.  
Os espinhos, as lágrimas e as dores  
A força que transforme em luz e flores.  
Seja a união contigo, em cada dia,

No coração dos teus trabalhadores.  
E derrama tua bênção de harmonia  
Santifica esta doce eucaristia.

Mestre do amor de todos os amores,  
Estava, assim, encerrada a jornada daquele  
domingo. Passava de 20 horas e no âmbito da noite,  
de um luar velado, em breve nos surgia abaixo  
da curva da "Represa" um como bando disperso  
de pirilampos vermelhos... Era a iluminação de  
Pedro Leopoldo.

---

17 DE OUTUBRO.

Tréguas em todos os sectores. Nosso confrade  
Abilio partirá cedo para Belo Horizonte, espremido  
num ônibus da carreira e de... carreira. A's

segundas-feiras é assim, — explicam-nos. Ha gente que trabalha na capital e vem passar o domingo com a familia. Outros vêm á passeio. Antevéspera do nosso regresso, vamos tambem ás visitas, como quem procura cravar, de antemão e mais fundo, o espinho da saudade que ronda a porta dos corações. E' preciso gravar bem, na retina estes aspectos encantadoramente simplès.

Aqui, um chapelão de palha do leiteiro que passa enforquilhado na sua alimaria palerma; além, a preta que cachimba avergada ao feixe de lenha; acolá, o grupo de operarias garrulas que desfilam á caminho dos teares. Ainda além, um ciclista afobado é convencido de elegancias no pedal.

Sugerimos ao Chico uma bicicleta para o percurso diario á Fazenda. Mas, não; que já tentou e até *peleja*, mas não se ajellou com aquelle *trem*... O verbo *pelejar* e o substantivo *trem*, são o que ha de mais generico em "Pedro Leopoldo". Tudo é *trem*, todos *pelejam* e até nós *pelejamos* por conseguir um *trem* de trocos miudos. Valeu-nos nisso, como em tudo o mais o Lindolfo, que é assim um Aladino providencial para todos os forasteiros. Isto, com a devida réverencia a S. Ex. o Delegado de Policia... E que mais? — visitas, café; mais café e... visitas. Em casa do Lindolfo o *film* é sincronizado, colorido, divertido. A palestra principia com o arquiteto-construtor, com o homem de negocios e acaba com a autoridade... Caspitê! Nesta segunda-feira nada menos de três queixas tererés.

O Delegado fecha o semblante, "banca" o "Scarpia", mas não perde o bom humor de mineiro específico e quando esperamos vê-lo catalítico, trovejante na reprimenda, ei-lo que nos surge

um autêntico, bonachão Juiz de paz. E não é espiritista, este Lindolfo! Imaginem-se o fósse... E daí, quem sabe? Se este nosso velho caco de mundo ainda o é de antiteses e contrastes...

18 DE OUTUBRO.

Ultima reunião, desta feita, na tenda de Emmanuel. Sessão intima de graças, em despedida. E cada qual recebe o seu melhor quinhão, que farte. Exortações, conselhos, confidencias de carater particular, não colhe falar aqui, ainda porque, em sua maior parte afluaram em sonambulismo e não foram estenografados. Um, apenas, psicografado e a nós dirigido, aqui o transcrevemos por creditá-lo como prova robustissima, a mais, das faculdades extraordinarias do médium Xavier.

Trata-se da confirmação de um sonho que o médium não conhecia, e de resto, que o conhecesse, não poderia glosar de improviso, com a celeridade e precisão com que o fez, ao demais na musicalidade de um estro para nós inconfundivel, porque o conhecemos ha 40 anos. São versos de Casimiro Cunha, de quem prefaciámos *Singelos* para afirmar que *era o livro de um cego que fechara os olhos ás misérias da terra para melhor entrever as belezas do céu.*

Ouçamo-lo:

Ha tempos, Quintão amigo,  
Num sonho consolador,  
Tu viste a meiga Celina  
Que te trazia uma flôr.

Era um presente da Virgem,  
Disse-te um anjo de luz  
E agradeceste, chorando,  
A' terna Mãe de Jesús.

E afirmaste: "Minha Mãe,  
Faça-se em mim a vontade  
Da justiça de teu Filho,  
Fonte de Vida e Verdade" !

Pensaste na grande esmola  
Que entre perfumes descia  
Da bondade carinhosa  
Do coração de Maria...

Sim, meu amigo, essa flôr  
É um sinal da Primavera,  
Da multidão de outras flôres  
Que além da morte te espera.

Quando virás ? Eu não sei...  
Mas peço a Nosso Senhor,  
Que te esclareça o caminho  
Com as luzes do seu amor.

Que mais e melhor poderia desejar o peregrino nesta romagem quasi a termo ?

19 DE OUTUBRO.

Nosso estado de saúde não enseja demorada permanência hotelêira em Belo Horizonte. No intuito de abreviá-la, temos resolvido, *omnia con-*

*sensu*, partir á tarde. Telefonámos ao Cicero. "Positivamente, não podemos cumprir a promessa de falar aos confrades da "União". Estamos áfôno, temos o velho figado em pandarécos. E' o tributo á ousadia de escalar estas altitudes. Mas... iremos abraçar, conhecer os confrades horizontinos. Cicero parece duvidar da nossa palavra, reage e diz, enfim, que Deus nós ha de ajudar.

— Mas, veja lá, *seu* Cicero: olhe que não queremos trombetas nem preconícios. Visita discreta de parente pobre, serão de família á lareira, é o que nos vai de feitio e de melhor estimamos. E você responderá por qualquer fracasso, com perdas e danos. Agora, é preciso aviar-nos...

## A HORA H

O José, de olhos molhados, antecipa as despedidas, não tem coragem de assistir de corpo presente ao momento psicologico da largada. Chico vai conosco até Belo Horizonte, prolonga de algumas horas o nosso convívio e contudo, tamborila nos dedos, num gesto de nervosismo muito seu.

Só o Bino, empertigado ao volante, afigura-se me impassível, indiferente. Aquele olhar, lembra-me, já o havia surpreendido aliures, nos embarcadouros profissionais quando, num cais que se afasta, brancos lenços se agitam embebidos de lagrimas. Sim, o Bino não é marinheiro mas é estradeiro, nervos de aço. O "Bloco Xavier" aperta o círculo, parece querer anquilozar o auto... Meu Deus ! que caras de velório ! Olhem que os defuntos também voltam, adeus, adeus... Dobrada a

esquina, uma, outra mais, transposta a via-férrea, eis-nos de volta em filmagem de horizontes para Belo Horizonte.

### A ÚLTIMA ETAPE

A's 19 horas uma limousine catita espera-nos á porta do hotel. Descemos e, já do elevador, experimentamos o fascínio dos óculos do nosso querido Professor Cicero. Dos óculos só, não. Do sorriso também.

— Até que enfim! Mas vejam quanta honra! nosso motorista, agora já não é o Bino, é simplesmente o jovem confrade Noraldino de Castro, talentoso advogado e primoroso orador, a quem de nome já conhecíamos através das colunas do "Espírita Mineiro". Estávamos apresentados, mais — sintonizados; e enquanto lhe tomávamos a limousine, tomava-nos ele o coração. Em o nosso proselitismo ha destas maravilhas, que a doutrina esclarece, porque a vida do Espírito não se adstringe ao calendário. Ha criaturas que nos aparecem pela primeira vez para nos darem a sensação de velhos conhecidos. Era um bom auspicio, aquele, que se haveria de confirmar e avultar tão logo, porque, ao franquearmos o salão da tradicional *União Espírita Mineira*, tivemos a impressão de estar entre irmãos. Médiun sensitivo, também nós, depomos em testemunho de verdade que a vibração psíquica é, no diorama das apparencias exteriores, tudo o que ha de mais iniludível.

Noraldino, Eugenio Monteiro, Rodrigues e quantos outros ali nos foram apresentados, era como se viessem agora reatar antigas e caras relações, apenas interrompidas de longa data.

Ante uma assembléia que calculamos em duzentas pessoas e num ambiente sensível de espontanea, de incoercível cordialidade cristã, nosso irmão Cicero — depois de preencher a mesa com os confrades Francisco Xavier, Abilio de Lima e Noraldino de Castro; e após a prece inicial, que é um hino de graças ouvido com religioso recolhimento — dá a palavra ao orador official, que, tribuno ardoroso e coração magnanimo, *injuriou-nos* sem dó nem piedade cauterizando-nos a consciencia á pontas de fôgo. *Injuriou-nos*, sim, porque disse de nós e de nossos serviços á Doutrina o que nunca poderíamos revidar... Explosões d'alma, que a sua generosidade poderia justificar, talvez, mas, que a Soberania de Jesús mandava vetar. Foi, então, o que fizemos com o proclamar aquella Soberania e lembrar que o *estado novo* da nossa alma velha de ha muito nos impuséra um *decreto-lei* em dois artigos, que eram:

1.º *pena de morte á D. Lisonja*

2.º *desterro perpétuo do Sr. Protocolo*

Era assim, pois, que ali nos encontravamos para comungar com os irmãos da União, aos quais queríamos simbolicamente abraçar em nome da "Federação Espírita Brasileira", na pessoa por muitos títulos querida do Presidente Cicero Pereira.

A seguir, Abílio de Lima, vibrante, emocional, deu um judicioso comentário de sua excursão, referindo-se à personalidade de Francisco Xavier e a grande prova que, por suas faculdades, recebera em "Sete Lagoas". Esta peça litero-doutrinária, por nimia gentileza do seu prolator deveria ilustrar este opúsculo, mas acontece que os prometidos originaes não nos chegaram a tempo.

O médium Xavier convidado a tomar a comunicação final, num minuto passa-nos ás mãos para que o leiamos ao auditório, o seguinte soneto, ainda Bittencourt Sampaio e intitulado:

### ORAÇÃO

Misericordiosissimo Senhor !  
Derramai neste templo da Verdade  
Vossas bênçãos de vida e de bondade,  
A luz divina do Consolador.

Sois o manancial de todo o Amôr,  
A sublime e perene claridade,  
Que consola e reñime a humanidade  
Neste mundo de lagrima e de dôr !

Misericordiosissimo Cordeiro !  
Misericordia e luz do mundo inteiro,  
Dai-nos os bens da fé e da humildade !...

Abençoaí-nos ás luzes deste templo:  
Que em tudo aqui floresça o bom exemplo  
De esforço e luta na Fraternidade.

### ULTIMOS ACORDES

"O Espírito é forte mas a carne é fraca". Foi, talvez, assim pensando que o confrade Rodrigues, inspiradamente, lembrou aquele *chá da meia noite* no seu confortavel "bar" da Avenida Afonso Pena. E lá nos fomos ás "torradinhas" em torneio de innocentes pilherias — frutos sadlos de uma confraternidade espontanea, e esquecidos de que o tempo não é abstracção teórica no maelström das contingencias humanas.

Passava de meia noite quando, enfim, nos recolhemos ao hotel. A essa hora, Francisco Xavier já deveria estar repousado em seus penates. No ambito da noite calma Belo Horizonte dormita.

O silvo de locomotivas em manobra tem, para nós, expressões agoniadas e lembram que, logo mais, Mantiqueira abaixo, haveremos de acarinhar mais fundo o acúleo da saudade. Saudade das graças recolhidas e vividas na *Romaria da Graça*.

Louvado seja Deus !